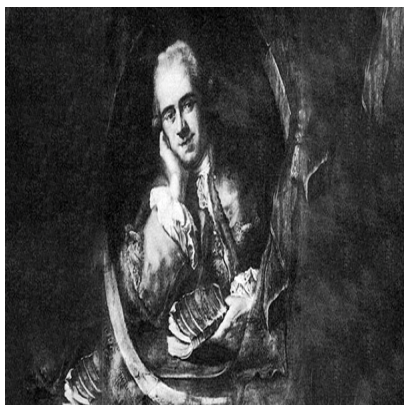




Willermoz tentou o impossível

Description

Ter uma Maçonaria de essência Templária admitida na França, embora a Ordem tivesse sido destruída pelo Papa e pelo Rei da França.

Tendo a província da Borgonha sido restabelecida em 1773 em Estrasburgo, a de Auvergne foi “despertada” em Lyon em 1774 e Willermoz tornou-se imediatamente um dos seus dignitários mais ativos.

Durante vários anos, desde o Convento Nacional dos Gauleses ou das Galias, realizado em Lyon, em 1778, até ao Convento Geral, reunido em Wilhelmsbad, em 1782, Willermoz tentou alcançar o impossível: ter um sistema maçônico de essência

Templária admitido na França, enquanto a Ordem do Templo tinha sido demolido pelo Papa¹ e pelo Rei de França² – apagando esta última característica em favor de uma visão mais ampla da cavalaria: garantindo a ancoragem do referido sistema na paisagem maçônica francesa, através da celebração de um acordo em 1776 com o Grande Oriente da França ; preservar finalmente o essencial que nenhum dos seus amigos tinha esquecido, nomeadamente o ensinamento secreto extraído do **Tratado de Reintegração**, finalmente elevado à categoria de doutrina suprema da iniciação maçônica, ao criar por volta de 1778 as duas classes secretas da Profissão e da Grande Profissão , destinado essencialmente a esta transmissão.

Quando o Convento de Wilhelmsbad terminou, no Verão de 1782, Willermoz pôde considerar, no Outono da sua vida , que o seu objetivo tinha sido alcançado: uma organização maçônica teoricamente estendida a toda a Europa tinha, no essencial, admitido suas teses, seus rituais e sua doutrina. No entanto, este não foi o caso. Em poucos anos, as especificidades nacionais recuperaram os seus direitos e, com a aproximação da Revolução que iria abalar a própria Europa, o R?E?R? definhou. Ele não pensou duas vezes e, depois de cinco anos, teve uma ideia...

Sob o Império, o idoso Willermoz tornou-se o venerável patriarca de um reinado desértico. Um frágil renascimento ocorreu a partir de 1808, mas não produziu nada duradouro.

Em meados do século XIX, recluso na Suíça pelas coincidências da história, o R?E?R? havia

desaparecido da França. O próprio nome de Willermoz foi gradualmente esquecido e os seus arquivos perdidos: só foram encontrados, e com eles o seu criador, no final do século e no primeiro terço do século seguinte. Como uma relativa exceção de uma casa em Besançon ...

Perit ut vivat: o renascimento da Fênix

Já foi contado muitas vezes como, entre 1910 e 1913, irmãos do Grande Oriente da França, ansiosos por criar um lar maçônico que pretendiam afastar de qualquer influência política, imaginaram fazê-lo reavivando o Regime Retificado, descrito por eles como o “**Rito Templário**”, do qual tomaram conhecimento através dos seus contatos suíços. Sabemos também em que circunstâncias, apesar dos cortes drásticos nos rituais e dos rearranjos do texto que reduziram consideravelmente o seu caráter “espiritualista”, estes irmãos, confrontados com obstáculos persistentes, acabaram por não ver outra saída senão abandonar a Obediência e fundar uma nova, imediatamente reconhecida pela Grande Loja Unida da Inglaterra: a Grande Loja Nacional Independente e regular para a França e as Colônias Francesas, ancestral da GLNF1.

Ao redor da loja, *Friends Center No. 1*, ocorreu o despertar da Fênix² – um símbolo importante do R?E?R?. O objetivo aqui não é contar a história das divisões e reuniões mais ou menos duradouras que pontuaram, durante o século XX, a história de uma obediência Francesa do R?E?R?. Por outro lado, parece mais importante insistir num aspecto particular deste renascimento moderno do Rito. Vamos resumir nosso objeto e documentá-lo da seguinte forma...

Quando o R?E?R? foi despertado na França, foi menos por si mesmo do que por razões circunstanciais, ligadas ao estado da paisagem maçônica francesa na época e às questões de posições de Obediências. Uma das consequências desta situação foi que os “re-fundadores”, apesar da provável sinceridade da sua abordagem, quase nada sabiam das fontes históricas e sobretudo doutrinárias deste rito. Daí as graves interpretações erradas e ambiguidades que continuaram a marcar o seu desenvolvimento ao longo dos anos que se seguiram. É mais ou menos o que acontece no Brasil neste momento, alguém tem uma ideia de sua própria cabeça e resolve fazer uma interpretação própria do que eram os fundamentos doutrinários dos fundadores, mas isto depois de quase 250 anos. Mas vamos voltar a história, quanto à realidade da sua suposta origem Templária, por exemplo, mas também quanto à natureza das suas relações com o Cristianismo, um assunto delicado entre tudo, e sem sequer mencionar o lugar do Martinesismo, questão quase incompreensível para a maioria dos envolvidos no rito até cerca de quarenta anos atrás. E isso explica grande parte da sua fragmentação permanente...

Os próprios rituais foram naturalmente emprestados dos suíços e sofreram, sob a influência do protestantismo liberal suíço e da cultura suíça de compromisso pacífico, alterações notáveis durante o século XIX, Algo desconhecido pelos pioneiros modernos da R?E ?R? e com o qual eles provavelmente não teriam se importado.

O grande ponto de virada ocorreu a partir da década de 1960. Podemos citar notadamente a redescoberta, em 1966, separadamente, mas quase ao mesmo tempo, do manuscrito original do ritual do Mestre Escocês de Santo André, por René Guilly e Jean Feuillet. Em 1970, a obra fundamental de Le Forestier, que permaneceu inédita, foi finalmente publicada com um importante prefácio de Antoine Faivre, disponibilizando a todos uma vasta documentação sobre as fontes da R?E?R?. Durante a década de 1970, pesquisadores, principalmente René Guilly, mas também Jean Baylot, descobriram rituais retificados do século XVIII na coleção Willermoz em Lyon e em alguns outros fundos públicos,

que foram depois inventariados e publicados. As peças deste quebra cabeças foram assim encaixando aos poucos, autorizando em 1989 a

publicação de um importante trabalho sobre a genealogia dos rituais do R?E?R? para os graus simbólicos entre 1775 e 1809.

Ao mesmo tempo, Robert Amadou³, graças aos seus numerosos estudos sobre

Saint Martin e Martinez de Pasqually, contribuiria poderosamente para tornar este outro aspecto da tradição retificada, se não mais simples de acessar, pelo menos mais facilmente compreensível para quem quiser compreendê-lo. Assim o R?E?R? ressurgiu das cinzas para trazer novamente Luz a humanidade.

(1) A Grande Loja Nacional Francesa (Grande Loge Nationale Française – GLNF) é uma organização maçônica que desempenha um papel proeminente na Maçonaria francesa. Fundada em 1913, a GLNF tem uma história complexa e passou por várias fases ao longo do tempo. A GLNF foi fundada em 1913 por Philippe Félix Barthélemy, um importante líder maçônico na França da época. Nas primeiras décadas de sua existência, a GLNF prosperou e cresceu, tornando-se uma das Grandes Lojas mais influentes na Maçonaria francesa. Durante a ocupação nazista na Segunda Guerra Mundial, a Grande Loja Nacional Francesa foi dissolvida temporariamente pelo regime de Vichy, que colaborou com os nazistas. Nas décadas de 1970 e 1980, a GLNF enfrentou divergências internas e disputas de liderança que levaram a um período de instabilidade. A partir da década de 1980, a GLNF experimentou um período de reconstrução e estabilidade. Sob a liderança do Grão-Mestre Jean-Charles Foellner, a organização se consolidou e focou na preservação dos valores tradicionais da Maçonaria. A GLNF também desenvolveu relações internacionais com outras Grandes Lojas maçônicas em todo o mundo, estabelecendo acordos de reconhecimento mútuo. Entre 2010 e 2012, a GLNF enfrentou uma séria crise devido a alegações de má gestão financeira e irregularidades por parte do então Grão-Mestre François Stifani. Após a renúncia de Stifani, a Grande Loja passou por um período de reestruturação e reforma sob nova liderança. A crise resultou em mudanças significativas na governança. Nos anos subsequentes à crise, a GLNF buscou restabelecer a confiança e a estabilidade. Atualmente, a Grande Loja Nacional Francesa continua a ser uma instituição maçônica ativa e respeitada na França.

(2) Na Maçonaria, a Fênix é um símbolo que representa a ideia de renascimento, regeneração e imortalidade. Embora a Fênix não seja tão proeminente quanto alguns outros símbolos maçônicos mais comuns, ela é ocasionalmente incorporada à simbologia maçônica, principalmente em contextos relacionados à busca espiritual e moral. A Fênix é conhecida por renascer das próprias cinzas após morrer, simbolizando a ideia de renascimento espiritual. Na Maçonaria, esse conceito pode ser associado à busca contínua por aprimoramento pessoal e moral, representando a oportunidade de começar de novo e superar falhas passadas. A Fênix é considerada imortal e representa a ideia de eternidade. Na Maçonaria, esse simbolismo pode refletir a crença na continuidade da alma e na busca por uma existência espiritual duradoura para além da vida terrena. O processo de renascimento da Fênix simboliza a transformação e a transcendência. Na Maçonaria, esse conceito pode estar ligado à ideia de superar as limitações humanas e alcançar um estado superior de consciência ou entendimento. A Fênix morre no fogo e ressurge das cinzas, simbolizando a jornada da morte para a vida. Na Maçonaria, esse simbolismo pode representar a passagem da ignorância para o conhecimento, da obscuridade para a luz. A Fênix segue um ciclo de renovação constante. Na Maçonaria, esse ciclo pode ser interpretado como a busca contínua por aprimoramento pessoal, moral e espiritual ao longo da vida maçônica. É importante notar que a interpretação dos símbolos na

Maçonaria pode variar, e nem todos os maçons ou ritos maçônicos incorporam a Fênix em sua simbologia. Além disso, a Maçonaria é rica em símbolos que podem ter diferentes significados em diferentes contextos e tradições maçônicas. Portanto, o simbolismo da Fênix na Maçonaria pode ser abordado de maneiras diversas, dependendo da interpretação individual e do contexto específico. Dentro do contexto do Rito Escocês Retificado, a Fênix também desempenha um papel simbólico significativo. O Rito Escocês Retificado é uma tradição maçônica que busca aprimoramento moral e espiritual, incorporando elementos místicos e filosóficos. Na simbologia do Rito

Escocês Retificado, a Fênix é muitas vezes associada a conceitos específicos que refletem os princípios e objetivos desse rito. Assim como em outros contextos maçônicos, a Fênix no Rito Escocês Retificado, simboliza o renascimento espiritual. Representa a ideia de renovação moral e a busca contínua por um estado superior de consciência. Ela é vista como um símbolo de transformação, sugerindo a capacidade de transcender as limitações e alcançar um estado superior de ser. No Rito, essa transformação está relacionada à jornada maçônica em direção à luz e ao conhecimento. A Fênix renasce do fogo, simbolizando a purificação e a regeneração. No Rito o fogo pode ser interpretado como um elemento purificador que queima as impurezas, representando o processo de purificação moral que os maçons buscam. A Fênix é frequentemente associada à imortalidade da alma. No RER isso pode ser interpretado como uma expressão da crença na continuidade espiritual além da vida terrena, enfatizando a importância da busca por uma existência espiritual duradoura. Em algumas interpretações do Rito, a Fênix pode estar ligada à lenda de Hiram Abiff, um personagem central na maçonaria. Assim como a Fênix renasce, Hiram Abiff é simbolicamente “ressuscitado” na tradição maçônica, representando a ideia de superação da morte e da ignorância.

(3) Robert Amadou (Bois-Colombes, 16 de fevereiro de 1924 — Paris, 14 de março de 2006) foi um pesquisador da moderna parapsicologia. Licenciado em Letras e Licenciado em Filosofia pela Universidade de Paris, fez também estudos de Teologia. Excelente parapsicólogo contemporâneo da Escola Teórica. Foi diretor durante muitos anos da Revista Metapsíquica, do IMI. Estudou todos os fenômenos parapsicológicos. Seus livros principais são A Parapsicologia, Paris, 1954 – Os Grandes Médiuns, 1957, infelizmente boa parte de sua obra deixa entrever certo ranço proselitista pró-Igreja católica e, indo contra as pesquisas dos maiores metapsiquistas e parapsicólogos da Society for Psychical Research (Gauld, 1986) e do IMI (Geley, 2001; Richet, 2013), que encontram base factual no trabalho de grandes médiuns (Pipier, Leonardo, Paladino, Hume). Amadou basicamente se esforça por refutar as proposições do Espiritismo, o que explica o fato de seu legado ser, atualmente, praticamente só discutido no Brasil. Amadou foi secretário de vários Congressos Internacionais de Parapsicologia celebrados na Europa: A Ciência e o Paranormal. ? ?A ER. Colóquio Internacional Parapsicologia ? ? (Utrecht, 1953) ? ?As Entrevistas de Saint-Paul-de Vence ? ? (1954), Paris, 1955.

Pensamentos de Robert Amadou :

- Os fenômenos parapsicológicos pertencem ao mundo fenomênico, ao corpo e a psique do homem... Segundo a terminologia hindu, esses fenômenos pertencem à categoria do mental, e segundo a terminologia escolástica, à categoria da sensibilidade ou do ‘intellectus’. Não tem o caráter transcendente do ‘atma’ vedanta ou da ‘mens’ tomista.
- O fim da Parapsicologia é a constatação e a explicação de fatos desconcertantes, estranhos, misteriosos... Seus caracteres desorientadores se podem agrupar na vasta categoria, profundamente heteróclita, do oculto perceptível, das experiências de magia (absurda pretensão

de dominar seres sobrenaturais com técnicas meramente naturais) do maravilhoso empírico... Nada do que é estranho é estrangeiro para nós.

- A rigor, podemos aceitar que alguns elementos inferiores do psiquismo conservem, depois da morte funcional do corpo, uma existência própria, e continuem, assim, não propriamente uma individualidade ilusória, que durante a vida era tomada pela verdadeira personalidade, mas aquilo que a tradição chinesa denomina de influências errantes. Tratar-se-ia de imagens e de lembranças que não estariam ligadas a qualquer consciência, de fatos psíquicos isolados, segundo a expressão do Prof. Broad, 'de fragmentos capazes de inspirar o médium'.
- A Iniciação se define como a passagem a uma outra maneira de ver, de viver e de agir; a entrada em um outro lugar real – real, mesmo, por excelência. Desta realidade, da eficácia da Iniciação, a Humanidade é testemunha desde suas origens.
- Hoje todos concordamos sobre o fenômeno da Iniciação: trata-se de um conjunto de ritos e ensinamentos, um conjunto de símbolos que provoca uma modificação radical na posição religiosa e social do indivíduo. Trata-se de uma 'mudança ontológica no regime existencial'. O Iniciado é um outro... Um convite a ser verdadeiramente eu... O Iniciado sabe que a verdadeira vida é do outro lado. Ele não foge, nem para frente, nem para trás. Ele se aprofunda.
- O cenário da Iniciação é quase constante: as provas, uma morte, uma ressurreição. Ou ainda um novo nascimento.
- O Iniciado é um outro. Ele passou da ignorância ao saber, à ciência. Mas, qual ciência? Qual saber? Primeiro, ele sabe que abandonou a ignorância. Diz-se que passou da natureza à cultura. Que seja. Mas foi para ser e para compreender a natureza e compreender que a compreende. Para penetrar em seu interior paralelamente à entrada em si-mesmo. No esoterismo de-si e no do mundo. Na raiz comum. A Iniciação é descoberta do sentido profundo, de um outro valor que não o sensível, de verdadeiro valor do sensível. É uma revelação sobre o sagrado, sobre a morte, sobre a sexualidade; sobre o mundo e sobre mim; sobre a sociedade; sobre minhas relações com os outros e com a natureza que é simplesmente um outro...
- A Iniciação revela, ao mesmo tempo, a dimensão cósmica da existência humana e a dimensão interior do homem. O homem e o mundo são análogos – micro e macrocosmo. Pode-se também dizer microantropo e macroantropo. O homem está em harmonia com a Natureza porque, em imaginação, experimenta seus vínculos com ela. Tudo é mito; tudo é símbolo.
- A percepção da dimensão cósmica é um estado de consciência aumentada – que é um modo de dizer outro estado de consciência – sacralizam todos os atos da vida humana. Aqui é outro lugar. As relações com os outros e com as coisas transformaram-se. A realização dessas relações liga-se à realização do Eu. Ou deveríamos dizer que ambas se confundem?
- Quem fala esoterismo, fala interioridade e ingresso nessa interioridade. Já esta ligação da idéia e do processo sublinha o caráter específico do esoterismo, análogo às realidades que ele indica, pois que ele busca reencontrar o real na aparência. A realidade, para o esoterismo, é viva. Ele declara a universalidade da vida e a analogia da vida; a necessidade de apreender de maneira viva as realidades que são vivas (novamente a analogia) para que elas possam (analogia, enfim) vivificar aquele que as apreende.
- Esoterismo significa aprofundamento para o alto e para baixo. Ele exige do homem que quer se realizar uma busca em profundidade até a extrema ponta da alma, para além do ego, mas também na realidade natural. Exige que o homem descubra que a Natureza não é apenas aparência, pois que ele existe como 'Ser da Natureza'... Este Ser da Natureza e este ser-em-mim são análogos! A mesma presença, a mesma vida descoberta na interioridade da Natureza, em seu esoterismo, como em minha própria interioridade, em meu esoterismo.

- Fechando o círculo semântico, pronuncio ainda uma palavra – que é alfa e ômega: 'Luz'. Devo pronunciá-la, pois a Luz simboliza, eminentemente, a Sabedoria Onipresente, o Conhecimento, a Gnose que o Iniciado recebe, ganha e doa. O Iniciado passou das trevas à Luz. O esoterismo é um iluminismo, e vice-versa.
- Não existem fórmulas feitas, mágicas, que iniciem. Os próprios ritos não têm poder de coerção. Eles simbolizam a Iniciação a realizar-se, e a ajudam. É possível!

Category

1. Público

Date Created

30/01/2024

Author

depintor

CEPdoRER - Centro de Estudos e
Pesquisas do Rito Escocês Retificado